

Deixar de dizer “proximal”  
para dizer “imminente”?



Contestação a um formalismo verbalista

Achilles Delari Junior



Arquivos digitais

---

Delari Jr., Achilles. Deixar de dizer “proximal” para dizer “imminente”? Contestação a um formalismo verbalista. In: Estação Mir – arquivos digitais, 2020. 23 p.

Palavras-chave: Crítica ao verbalismo; Vigotski; Zona de desenvolvimento proximal.

Artigo não indexado.

Disponível em: [www.estimir.net/adjr.cts-frm-vrb.pdf](http://www.estimir.net/adjr.cts-frm-vrb.pdf)

---

Versão atual concluída em 15 de abril de 2020.  
Umuarama-PR.

Trabalho voluntário e independente.  
Sua reprodução integral ou parcial é livre e incentivada,  
respeitada a citação à fonte.



[www.estmir.net](http://www.estmir.net)

*“Tão somente quando chegamos a conhecer o objeto em todos os seus nexos e relações, tão somente quando sintetizamos essa diversidade em uma imagem total mediante múltiplas definições, surge em nós o conceito”*

(Vygotski, 1931/2006, p. 78)

# Conteúdos

|   |    |
|---|----|
| 1 Quanto à finalidade social desta breve intervenção.   | 04 |
| 2 Orientação geral para a crítica ao formalismo verbalista  | 05 |
| 3 Quanto aos significados de “imminente” e “proximal” em língua portuguesa.                                 | 06 |
| 4 Quanto aos significados “близкое” [ <i>bliskoe</i> ] e “ближайшее” [ <i>blijaishee</i> ] em língua russa. | 08 |
| 5 Notas para estudo efetivo do conceito de “zona de desenvolvimento proximal”                               | 11 |
| 5.1 “Zona de desenvolvimento proximal” como construto subordinado ao quadro teórico geral                   | 11 |
| 5.2 Um enfoque quantitativo de Vigotski ao conceito de “zona de desenvolvimento proximal”                   | 12 |
| 5.3 Um enfoque ontogenético de Vigotski ao conceito de “zona de desenvolvimento proximal”                   | 16 |
| 6 Para continuar o diálogo  | 18 |
| 7 Referências   | 20 |

# 1 Quanto à finalidade social desta breve intervenção

O essencial, em um conceito científico, não é sua forma externa, sonora ou gráfica, mas a modalidade sistemática da generalização da realidade que, pela mediação da palavra, um ser humano realiza. Não apenas podemos deduzir isso de vários trabalhos do maior expoente da psicologia soviética no início do século passado, como neles está claramente estabelecido (Vigotski, 1933/1968; 1933-34/1984d; 1934; 1934/2007; Vygotski, 1933/ 1991; 1933-34/2006d). Porém, por muitas determinações econômicas, políticas e culturais, vivemos numa sociedade da imediaticidade e da superficialidade. Na qual as formas externas das palavras tendem a prevalecer sobre seus significados mais profundos. Sociedade na qual “slogans”, “palavras de ordem” e “clichês” sobrepujam o “debate”, o “questionamento” e a “reflexão crítica”. O que se torna ainda mais preocupante quando se torna prática influente em meios universitários, nos quais as formas estereotipadas de linguagem deveriam ser desarticuladas em favor de uma compreensão científica da realidade.

Em função disso, justo para que os conceitos prevaleçam, surge a necessidade social de não tratar agora diretamente deles. De suspender por um momento a discussão teórica como tal, para contestar modos retrógrados de conceber relações entre pensamento e linguagem que podem se tornar sério obstáculo ao pensamento conceitual propriamente dito. Não há como aqui reunir todas as ingerências feitas nos últimos dez anos quanto a isso, no campo das traduções e “estudos” de obras de Vigotski, pois são muitíssimas. Mas focarei uma emblemática dentre elas, que tem impacto não apenas sobre meu trabalho como professor e pesquisador em psicologia, como também no de muitos colegas. Trata-se da suposição, a um só tempo ingênua e prepotente, de que mudar um só adjetivo no termo “zona de desenvolvimento de proximal” (e.g. Vygotsky, 1934/1986) ou “zona de desenvolvimento próximo” (e.g. Vigotski 1934/ 2007) para “zona de desenvolvimento iminente” (Vigotski, 1933/2010)<sup>1</sup> geraria transforma-

---

<sup>1</sup> Estas são três dentre as formas possíveis de se traduzir um termo composto próprio de elaborações teóricas do psicólogo bielorrusso Lev Semionovitch Vigotski, nascido em Orsha, no dia 5 [17] de novembro de 1896, falecido em Moscou, no dia 11 de junho de 1934. Termo

ção do próprio conceito. A qual, porventura, salvaria o entendimento do leitor de uma “deturpação” de toda teoria, transpondo-o ao da total “fidelidade” epistemológica à mesma. À contestação de tal formalismo verbalista se orienta esta breve intervenção.

## 2 Orientação geral para a crítica ao Formalismo verbalista<sup>2</sup>

Ao que tudo indica, a suposta obrigação de permutar adjetivos de “próximo” ou “proximal” (palavra correlata à primeira) para “imminente” se justificaria por terem significados muito diferentes em português. Ao ponto de sua alternância ser suficiente para “deturpar” ou “esclarecer” a teoria de um autor. Sendo assim, partirei de seus significados em língua portuguesa. Visando a compreender as palavras não por concepção mecanicista de linguagem, que tenta forçar uma relação biunívoca entre signo e significado. Mas sim explorando algo da pluralidade social de seus significados, algo de seu “campo semântico” (cf. Luria, 1979<sup>3</sup>, p. 61-65). O que entendo ser mais condizente com uma concepção dialética materialista das “relações entre pensamento e linguagem”, mesmo que tal destaque não esgote todos os requisitos metodológicos da mesma.

Em seguida, explorarei peculiaridades da língua russa intrínsecas à palavra “ближайшее” [*blijaishee*] – forma superlativa do

---

esse que, originalmente, se apresenta em língua russa como: “зона ближайшего развития” [*zona blijaishego razvitiia*] (cf. Vigotski; 1933/1935a; 1933/1935b; 1933/2008; 1933/2010; 1932-34/1984; 1933-34/1934; 1933-34/1984c; 1933-34/2001; 1933-34/2007; s.data/1935; Vygotski, 1932-34/2006; 1933-34/2006c; Vygotsky, 1933/1984; 1934/1984; entre outros).

<sup>2</sup> Adoto a definição do autor que tomo por principal referência, para quem “verbalismo – é utilização de palavras, por trás das quais não há qualquer sentido, conteúdo, cujo significado permanece nulo” (Vigotski, 1931/ 1983. p. 213). Tal prática também é fortemente criticada em sua obra “Pensamento e linguagem [fala]” (Vigotski, 1933-34/1934, p. 165 e 166; 1933-34/2001, p. 245 e 247; 1933-34/2007, p. 269)

<sup>3</sup> A datação mais próxima do original que pude obter é esta, de publicação póstuma, à qual corresponde a paginação para menções ao termo “campo semântico” [*semantitcheskii poliia*]. Aleksandr Romanovitch Luria nasceu em Kazan’, no dia 3[16] de junho de 1902, e faleceu em Moscou, no dia 14 de agosto de 1977.

adjetivo neutro “близкое” [bliskoe] – que se traduz por “próximo”, “proximal”, “iminente”, etc., sem marcar o superlativo. Peculiaridades que não podemos transpor *diretamente* ao português, mas indicam um sentido geral perfeitamente compreensível por nós, mesmo que não conheçamos a língua russa. Porque não se trata de algo que só quem a domina pode entender, ou que só alguém de nacionalidade russa possa viver ou sentir. Até porque, até se prove o contrário, Vigotski tratou de processos válidos para todo o gênero humano, não apenas para povos que falam russo ou outras línguas eslavas.

### 3 Quanto aos significados de “iminente” e “proximal” em língua portuguesa

Ficará claro a todos, por breve consulta ao léxico, com mínimo bom senso, que não há distância semântica profunda entre os campos semânticos dos vocábulos “proximal” – derivação de “próximo” – e “iminente” em língua portuguesa, *para a temática em questão*. Marcadamente “iminente” significa algo próximo de acontecer no tempo: “**iminente** adj. Que ameaça acontecer a qualquer momento; que parece que vai acontecer em breve; impendente; propínquo, próximo” (Michaelis, 2020, p. única). Não é instigante que “*próximo*” seja um dos sinônimos para “*iminente*”? Para nosso tema é instigante, mas não desconhecido em português, que “próximo” também possa indicar “tempo”. Se alguém disser, por ironia ou questão de fé, que “o fim está próximo” – sabemos perfeitamente que isso indica algo que “acontecerá em breve”, que “é iminente”. Mas não há determinação cronológica sobre quanto dura uma “iminência” ou “proximidade” de um acontecimento: “segundos”, “horas”, “dias”, “meses”... Além disso, nem dicionários, nem normas de redação acadêmica, podem fixar que aquilo que está “próximo” demore mais a acontecer que aquilo que é “iminente”. Logo, não pode ser esse o motivo para supor que a primeira palavra leva à “deturpação” de contribuições teóricas de Vigotski à psicologia.

O termo “proximal” é, certamente, mais técnico. Mais comumente utilizado na linguagem científica e não na cotidiana e/ou em

meios de comunicação de massa. Mas também indica algo “bem próximo” – estritamente na dimensão espacial, não na temporal. Para exploração circunscrita de seu campo semântico, tomamos três de suas acepções do léxico da língua portuguesa: “**proximal**: 1. Situado próximo do centro, do ponto de origem ou do ponto de junção; 2. Bot. Próximo ao ponto de origem ou à sua base. (...) 4. Anat. Situado mais próximo do tronco (membros) ou do ponto de origem (vasos e nervos)” (Michaelis, 2020, p. única). Na palavra, a generalização mais importante reside em que “proximal”, com relação a algo, é o que está mais próximo disso em termos espaciais. Sendo assim, o que há de comum entre os campos semânticos de “proximal” e “imminente” é o significado de “maior proximidade possível”.

Para “proximal” também não há medida pré-definida: milímetros, centímetros, metros... Tanto uma palavra quanto a outra indicam aspecto relacional para o que estão adjetivando. Um “desenvolvimento proximal” só o será com relação a certo “nível” para o qual alguém avança. Um “desenvolvimento imminente” só o será com relação a certo “momento” mais avançado, ao qual alguém em breve chegará. Em ambos os casos, sob a determinação de relações sociais mediadas pela palavra, evidentemente. Eis o que, de essencial, os termos possuem em comum. Enquanto o que têm de mais claramente distinto é que “proximal” se refere a “espacialmente próximo”, enquanto “imminente” a “temporalmente próximo”.

Digamos que o desacordo para com o adjetivo “proximal” fosse explicitado em função de que o desenvolvimento psíquico não pode ser comparado a algo espacial – “perto” ou “longe” no espaço, “menor” ou “maior”<sup>4</sup>. Tal objeção seria plausível, já que a gênese social do psiquismo humano não avança “ocupando mais espaço”. Contudo, logo se nota que isso não torna imprescindível a opção pelo vocábulo “imminente”. Porque a palavra “zona”, substantivo chave do termo composto em questão, não designa tempo e sim “área”, “região”, “espaço”. Nem por isso, alguém sugere alterá-lo para “momento” ou “período” de “desenvolvimento imminente”. É simples entender porque não há tal alteração: “зона” [zona] em russo é cognato com relação a “zona” em português e espanhol, “zone” em inglês e

---

<sup>4</sup> Quanto ao desenvolvimento como “aumento” de área e volume, isso só caberia, até certo ponto, para o desenvolvimento físico, mediante o conceito de “crescimento”. O que é importante para os estudos ontogenéticos, *lato sensu*, mas inaplicável ao sistemas de relações interfuncionais postos em movimento na dinâmica da personalidade humana.



francês, “Zone” em alemão, etc. (cf. AABBY, 2012/2019; Bardischew et al. 2005/2019; Gak e Ganchina, 2004/2019; Lazarev, 2007/2019; Nikoshkova, 2006/2019). Uma tal mudança quanto a termos cognatos, para “garantir maior fidelidade à teoria”, seria uma ingerência que, dentre tradutores aos quais tive acesso, nunca encontrei.

Deste modo, devemos estar de acordo quanto a Vigotski usar intencionalmente um termo espacial e/ou tópico para falar de desenvolvimento – quer isso nos agrade ou não. O desenvolvimento do psiquismo propriamente humano não avança por ficar “mais largo”, “mais alto” ou “maior”. Ele se realiza mediante transformações qualitativas de relações interfuncionais, dinâmico-estruturais. Não há régua para medi-lo, embora a psicometria continue tentando nos fazer acreditar que sim. Porém, se Vigotski tem “licença poética” para dizer “zona de desenvolvimento”, o que nos impede de corroborar a metáfora com adjetivo também relativo a “espaço”? Nada de realmente científico nos impediria. Porque, reitero, dizer “zona”, desde o início, implica estabelecer uma analogia entre algo que se refere a um espaço com uma realidade que não é, por definição, circunscrita ao espaço. Logo, seria mais plausível deduzir que se trate apenas de uma figura de linguagem, um recurso estilístico do autor. Com relação ao qual, de minha parte, nada há o que objetar. Nem penso que a ninguém coubesse “corrigir”.

## 4 Quanto aos significados de “близкое” [*bliskoe*] e “ближайшее” [*blijaishee*] em língua russa.

O exposto anteriormente é o aspecto mais básico de minha intervenção contra a noção de que dizer “zona de desenvolvimento iminente” evitaria “deturpação” teórica cometida por quem diz “zona de desenvolvimento proximal”. Outra oposição frente a tal reducionismo pode ser estabelecida quanto à forma russa original do termo composto utilizado por Vigotski: “зона ближайшего развития” [*zona blijaishego razvitiia*]. Frente aos substantivos “зона” [*zona*] e “развитие” [*razvitie*], não paira dúvida quanto a traduzi-los, respectivamente, por “zona” e “desenvolvimento”. Toda a dificuldade de

tradução recai sobre “ближайшее” [bljaishee] que é uma forma superlativa do adjetivo neutro “близкое” [blizkoe] – o qual pode ser traduzido de várias formas: “близкий [bliskii] adj. masc.: perto; vizinho, próximo; íntimo, iminente” (Lazarev, 2007/2019 – p. única). Mais uma vez, se a questão teórica estivesse à mercê da mudança de apenas um adjetivo, veríamos que o próprio léxico russo-português permite traduzir o adjetivo russo tanto como “próximo”, quanto como “iminente”. Sendo “proximal”, em português, uma derivação com sentido estritamente espacial a partir de “próximo”. Porém, notamos também que para a grande maioria dos interessados, não se garante explicações convincentes sobre a diferença semântica entre “blizkoe” e “bljaishee” – que é o termo originalmente usado por Vigotski.

Paulo Bezerra entende que o neutro “bljaishee” está no “grau superlativo sintético absoluto” (2001, p. XI) – que é categoria da gramática da língua portuguesa, mas não deixa claro se é diretamente transponível à gramática russa. Insinuando que tradução mais literal seria apenas “proximíssimo”. Mas, talvez por critério estilístico, rejeita traduzir assim. Ao mesmo tempo que se nega a manter a forma “proximal”, convencional desde 1984, por critério bastante idiossincrático – diz ser “esquisito” (Bezerra, 2001, p. XI). Por fim, sem qualquer justificativa plausível, opta por traduzir “bljaishee” por “imediativo”. Opção infeliz pois, em português, isso insinua uma ausência de mediação entre o nível de desenvolvimento real e o potencial. Zoia Prestes (2010), por sua vez, nota a inadequação teórica de se dizer “imediativo” e acrescenta que: “o grau superlativo sintético absoluto, ao qual Bezerra se refere, tem o *mesmo papel nas duas línguas* e indica qualidade ou modalidade marcadamente superior ou inferior de um *substantivo*” (Prestes, 2010, p. 169 – itálico meu). Mas, tal professora deixa algo pendente, pois sua opção é por “iminente” – que não está como “substantivo” muito menos “superlativo absoluto”.

Tanto a transposição, sem mediações, da gramática da língua portuguesa à explicação da língua russa, feita por Bezerra; quanto a equiparação também imediata do “grau superlativo sintético absoluto” em português e em russo, por Prestes, deixam a desejar frente à posição mais madura muito antes apresentada por James Wertsch. Tal pesquisador, profundo e experiente estudioso de Vigotski em numerosas fontes russas, tem interpretação distinta. Nota que, em russo, “bljaishee” é “forma superlativa” que em inglês se traduziria mais literalmente por “nearest” ou “closest” (cf. Wertsch, 1985, p.

235). Embora em seu livro, prefira manter a prática de tradução usual em seu país. Neste caso, a “forma superlativa” indica “o mais próximo de todos”, “o mais próximo possível”<sup>5</sup>. A distinção semântica entre “blizkoe” e “blijaishee” em russo é análoga àquela entre “good” e “best” em inglês. Donde não teríamos apenas “proximíssimo” ou “muito próximo”, mas também “o mais próximo” – ao pé da letra. O que, diferente do que nos induz a interpretação de Prestes e a falta de precisão de Bezerra, não pode ser dito em português em uma só palavra. Dizemos “este é melhor do que aquele” ou “este é o melhor entre todos” – marcando a relação comparativa “absoluta” pelo artigo definido.

Não se trata de que alguém devesse passar a utilizar tal literalidade como padrão em seus trabalhos – o que só geraria mais desgaste. O que me cabe destacar é que esse é o significado mais literal, em relação aos demais até aqui apresentados, para palavras ditas por Vigotski – em gênero discursivo científico e não cotidiano. Subentende-se que, ao dizer “proximal”, é disso que se trata. E que, ao dizer “imminente”, continuará sendo disso que se trata. Sem que tal subentendido se torne, de modo algum, suficiente para aprender o conceito, muito menos a teoria geral à qual ele está subordinado. Na sequência, trarei algumas notas para virmos a discutirmos *o conceito propriamente dito* em um futuro próximo. Levantando pontos de pauta para a continuidade dos estudos entre os interessados na teoria como tal. Sem que nos intimidemos ou nos desmotivemos pela falácia de que mudar um simples adjetivo “deturpa” uma teoria. Ou, em versão mais ameaçadora, talvez até “o pensamento” de quem a estuda... De fato, na vida real, não é desta maneira que se efetiva o desenvolvimento dos conceitos científicos na dinâmica social de nosso psiquismo.

---

<sup>5</sup> Trata-se mesma forma de utilizar o termo em russo que encontramos, por exemplo, no feminino, como “ближайшая аптека” [blijaishaia apteka]. O que literalmente significa “a farmácia mais próxima”. Em português, não há como dizer isso em apenas duas palavras.

# 5 Notas para estudo do conceito de “zona de desenvolvimento proximal”

## 5.1 “Zona de desenvolvimento proximal” como construto subordinado ao quadro teórico geral

Este texto tem caráter mais informativo do que formativo. Informa sobre ingerências em nome de simples nomenclatura. Mas é possível, desde já, esclarecer que o construto “zona de desenvolvimento proximal” [*zona blijaishego razvitiia*] constitui-se como aspecto específico de um sistema conceitual mais amplo, complexo e inacabado, desenvolvido por Vigotski em psicologia. Sistema que tem como categorias fundamentais: (a) a gênese social da “personalidade consciente”<sup>6</sup>; (b) a “estruturação sistêmica e semântica da consciência”<sup>7</sup>; e (c) os processos de “generalização da realidade” mediante a palavra, fundamentais para as relações genético-causais entre as duas primeiras<sup>8</sup>. É ao tratamento integrado de tais categorias gerais que o construto “zona de desenvolvimento proximal” está subordinado. Não o contrário, como num primeiro contato com a obra do autor poderíamos ser induzidos a entender. Uma vez que há excessivo destaque ao termo específico tanto por parte do mercado editorial quanto pelo senso comum acadêmico, em nosso país. Assim como tem sido predominante uma inversão da premissa metodológica dialética materialista de que devemos partir do geral para a compreensão do específico. Tal especificidade, por sua vez, sequer é tão restrita, simplificada, como se costuma estabelecer, pelo mesmo mercado e pelo mesmo senso comum. Embora não seja, certamente, o conceito mais importante na arquitetura conceitual inacabada de Vigotski, a noção “zona de desenvolvimento proximal” tem valor heurístico relevante.

Ou seja, ela pode nos auxiliar em discussões sobre como se dão, efetivamente e não em abstrato, as transformações qualitativas de

---

<sup>6</sup> Ver, por exemplo: Vigotski, 1932-34/1984, p. 259; Vigotski, 1932-34/2006. p. 264.

<sup>7</sup> Ver, por exemplo: Vigotski, 1933/1968 p. 195; 1933-34/1984d, p. 363, 365, 366; Vigotski, 1933/1991, p. 129; 1933-34/2006d, p. 362, 364, 366; e Vygotsky, 1933/1987, p. 75.

<sup>8</sup> Ver, por exemplo: cf. Vigotski, 1933/1968; 1933-34/1984d; 1934; 1934/2007; Vigotski, 1933/1991; 1933-34/2006d.

diferentes sistemas de relações interfuncionais. Sabendo que “o desenvolvimento de uma ou outra função é sempre derivado e condicionado ao desenvolvimento da personalidade como um todo” (Vygotski, 1931/1983, p. 316; Vygotski, 1931/2000, p. 329). O construto pode nos auxiliar tanto do ponto de vista mais situacional, quanto ao que se passa “dia após dia”. Quando do ponto de vista ontogenético, quanto ao que abrange todo o tempo de nossas vidas – embora idade adulta e velhice sejam bem pouco mencionadas pelo psicólogo bielorrusso. Entretanto, formulações do autor sobre esse tema, em diferentes contextos, apresentam aspectos distintos. Desde um enfoque mais quantitativo e voltado ao que se passa em curto intervalo de tempo. Ao mais radicalmente qualitativo, voltado ao que se passa durante meses em períodos ontogenéticos críticos. Havendo outras formulações entre esses dois polos.

## 5.2 Um enfoque quantitativo de Vigotski ao conceito de “zona de desenvolvimento proximal”

Quanto ao primeiro dos enfoques mencionados anteriormente, em estudo produzido entre 1933 e 1934, temos a seguinte elaboração por parte do autor bielorrusso:

“Suponhamos que tenhamos determinado a idade mental de duas crianças, e que esta resultou ser de oito anos [para ambas]. Se não nos detivermos a isso e tratarmos de explicar como ambas as crianças resolvem testes previstos para as idades seguintes, testes que não estão em condições de resolver por elas mesmas, se vamos ao seu auxílio através de demonstrações, perguntas sugestivas, ensinando-as a como começar a resolução, etc., poderemos observar que uma delas, com ajuda, com colaboração, será capaz de resolver testes correspondentes à idade de doze anos, e a outra, testes correspondentes à idade de nove anos. Esta diferença entre a idade mental ou nível atual de desenvolvimento, determinada por meio da resolução independente de tarefas, e o nível alcançado pela criança quando resolve tarefas de modo não autônomo, mas sim assistido, determina a zona de desenvolvimento próximo [*zona blijaishego razvitiia*]. Em nosso exemplo, {364:} esta zona é expressa para uma criança com a cifra 4 [anos], e para a outra a outra com a cifra 1 [ano].

Podemos considerar que ambas as crianças estão em nível de desenvolvimento mental idêntico? Que o estado do desenvolvimento coincide? Obviamente não.” (Vigotski. 1933-34/2007, p. 353-354 – tradução e colchetes meus<sup>9</sup>)

Neste contexto, identificamos critérios semânticos para compreender o conceito de “zona de desenvolvimento proximal” como tal, para além dos critérios meramente lexicais, abordados anteriormente. Por exemplo, o de que tal “zona” se define como *diferença* entre dois níveis de desenvolvimento, denominados: (a) “nível atual de desenvolvimento”, no qual a criança resolve tarefas do teste “sem ajuda”, i.e., sem nenhuma além das permitidas ao aplicador fornecer – alhures denominado “nível de desenvolvimento efetivo” (Vigotskii, 1933/2010, p. 113) ou “nível de desenvolvimento real” (Vygotsky, 1933/1984, p. 96, 97, 98); e (b) “nível alcançado pela criança quando resolve tarefas de modo não autônomo” – alhures denominado “área de desenvolvimento potencial” (Vigotskii, 1933/2010, p. 113) ou “nível de desenvolvimento potencial” (Vygotsky, 1933/1984, p. 97). De modo que “desenvolvimento proximal” não é sinônimo de um ou outro “nível”, como às vezes se supõe. Inclusive como se houvesse “zona de desenvolvimento real” e “zona de desenvolvimento potencial”, sem mediação de um terceiro termo entre ambas. O que definitivamente não está presente em Vigotski. Nesse caso, a incompreensão é conceitual, não só terminológica – não há “duas zonas”, mas “uma zona entre dois níveis”.

---

<sup>9</sup> Traduzo aqui da versão em espanhol, argentina, do livro “Pensamento e linguagem” [Pensamiento y habla] de L. S. Vigotski – texto traduzido do russo por Alejandro Ariel González. Caso se tenha dúvidas quanto à qualidade de tal trabalho forneço a fonte russa. Para que se possa comparar e corrigir, desde que seja para o avanço da discussão teórica: “Допустим, что мы определили умственный возраст двух детей, который оказался равным восьми годам. Если не остановиться на этом, а попытаться выяснить, как решают оба ребенка тесты, предназначенные для следующих возрастов, которые они не в состоянии решить самостоятельно,—если прийти им на помощь путем показа, наводящего вопроса, начала решения и т.д., {218:} окажется, что один из них с помощью, в сотрудничестве, по указанию решает тесты до 12, другой — до 9 лет. Это расхождение между умственным возрастом или уровнем актуального развития, который определяется с помощью самостоятельно решаемых задач, и между уровнем, которого достигает ребенок при решении задач несамостоятельно, а в сотрудничестве — и определяет зону ближайшего развития ребенка. В нашем примере эта зона для одного ребенка выражается цифрой 4, для другого — 1. Можем ли мы считать, что оба ребенка стоят на одинаковом уровне ума, что состояние их развития совпадает? (Vigotski, 1933-34/1934, p. 217-218)

Porém, devemos admitir que a definição quantitativa do “avanço no desenvolvimento”, por escores em testes, mostra-se frágil no próprio Vigotski, nesse momento. Duas crianças teriam mesmo “nível atual de desenvolvimento”, IM = 8. Se o nível de desenvolvimento “alcançado de modo não autônomo” é de IM = 12, para uma, e de IM = 9 para a outra, suas “ZDP’s” serão, respectivamente, de “cifra 4” e “cifra 1”. Cifras extraídas subtraindo o nível “atual” do “potencial”. Apresento isso graficamente na “figura 1”, logo abaixo.

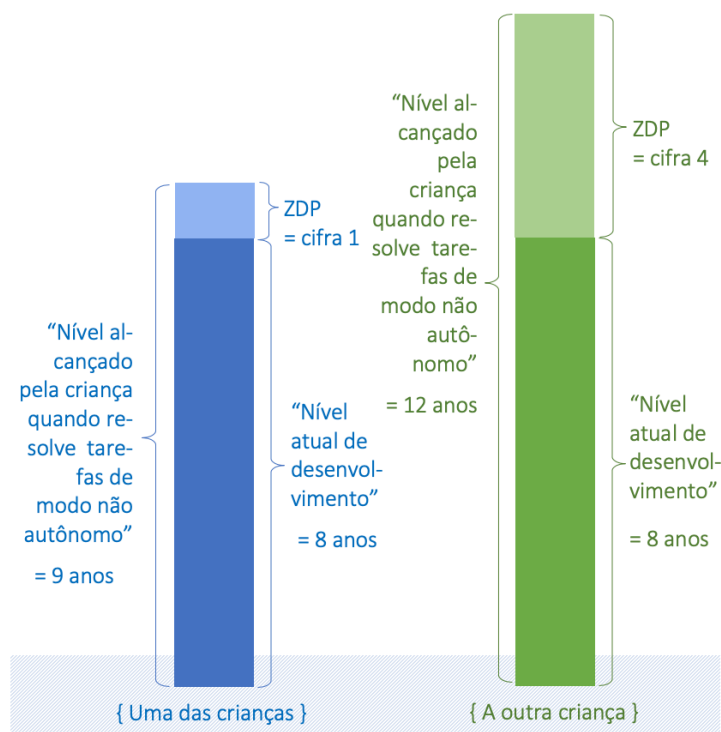


FIGURA 1: Apresentação gráfica para o construto “zona de desenvolvimento proximal” (Vigotski, 1933-34/2007, p. 353-354)

Aparentemente, está tudo bastante didático e bem explicado. Porém, algo importante fica obscuro: que relação teria “responder tal ou qual tipo de tarefa num teste” com o “desenvolvimento das funções psíquicas superiores” e da “personalidade humana como sua integração”? Ainda assim, podemos considerar como bastante instrutivo, nessa passagem, o fato de que Vigotski quebra a regra tradicional da avaliação psicométrica de que “o aplicador do teste não pode intervir”. Supondo que isso daria à criança recursos ambientais que não



dizem respeito à sua inteligência. Nessa visão arcaica e idealista, a “inteligência” seria algo individual e natural. E o autor contrapõe fortemente ambos os pressupostos. Busca mostrar que os processos intelectuais/psíquicos são de origem e funcionamento social (não individual); e que são engendrados pela mediação de produções culturais (não biológicas, *stricto sensu*). Nisso, entendo residir o maior avanço expresso no fragmento citado. Outro aspecto que considero interessante é que o pesquisador soviético, mesmo timidamente, elucida algo prático sobre como pode ser a ajuda que o adulto fornece para a produção de uma “zona de desenvolvimento proximal”. Vale-se de: “demonstrações”; “perguntas sugestivas”; e “ensino de como começar a solução”. O que entendo que podemos explorar melhor num futuro próximo, tanto do ângulo psicológico quanto do pedagógico.

Seja com for, notamos que tal modo de abordar a produção social de desenvolvimento mais avançado que o atualmente consolidado pela criança, diz respeito a mudanças que podem ocorrer num intervalo de tempo bem breve. Numa mesma sessão pode-se aplicar o teste sem fornecer auxílio e (quicá, após uma pausa para descanso) aplicá-lo novamente com diferentes tipos de auxílio. Não é dito nada do gênero: “o que a criança faz hoje com ajuda, já dominará amanhã, sem ajuda”. O que seria bastante otimista. Pois uma criança hoje com idade mental de 8 anos, no dia seguinte teria idade mental de 12, e caso isso avance nessa proporção em poucas semanas teria um QI “maior que o de Einstein”<sup>10</sup>. Não concebo que seja correto dizer: “o desenvolvimento psíquico que hoje atinge com ajuda, amanhã atingirá sozinho”. Entretanto, está claro que o autor não se refere a

---

<sup>10</sup> Ao que consta em fontes de domínio público o QI de Einstein teria sido avaliado com sendo de 160. Para quem não esteja habituado com a linguagem da psicometria, QI é sigla para “quociente de inteligência”. Essa abstração da psicologia idealista seria “medida” dividindo a “idade mental” (IM) da pessoa – supostamente determinável pelo teste – por sua idade cronológica (IC) – determinada por sua data de nascimento. E multiplicando isso por 100. Sendo assim:  $QI = (IM/IC) \times 100$ . Não sabemos que idade cronológica tinha cada criança de Vigotski, se é que existiram (já que ele começa com “suponhamos”). Mas só como exercício de raciocínio, digamos que uma das crianças tivesse 8 anos de idade cronológica e foi avaliada como tendo 8 anos de idade mental. Isso daria um  $QI = (8/8) \times 100 = 1 \times 100 = 100$ . Este é o QI considerado a média esperada, em psicometria. Se a mesma criança é avaliada como tendo 12 anos de idade mental, temos que  $QI = (12/8) \times 100 = 1,5 \times 100 = 150$ . Seu QI “potencial” seria de uma criança muitíssimo acima da média, apenas 10 pontos abaixo de Einstein. Aos 8 anos, seria capaz de fazer coisas que normalmente crianças só com 12 anos seriam capazes. Se isso só é possível *com vários tipos de ajuda*, não questiono os “resultados” do autor, mesmo que apenas “hipotéticos”. Porém, bem menos seguro é deduzir que isso se converterá em “nível atual de desenvolvimento” já “amanhã”.



períodos de desenvolvimento ontogenético, mas a algo que se produz em intervalo de tempo relativamente breve.

### 5.3 Um enfoque ontogenético de Vigotski ao conceito de “zona de desenvolvimento proximal”

Mas não são sempre a concepção de “zona de desenvolvimento proximal” se restringe ao enfoque anterior. Senão vejamos:

“Temos que supor, em primeiro lugar, que todas as mudanças, todos os acontecimentos que se passam durante essa crise [a crise dos três anos] se agrupam em torno de uma neoformação de tipo transitório. Por conseguinte, quando analisamos os sintomas da crise devemos determinar, mesmo que seja hipoteticamente, aquilo de novo que surge em dito período e o destino da neoformação que desaparece uma vez finalizado este período. Devemos estudar, seguidamente, como mudam as linhas centrais e secundárias do desenvolvimento e, por fim, avaliar a idade crítica do ponto de vista da zona de seu desenvolvimento próximo [*zona ego blijaishego razvitiia*], isto é, da sua relação com a idade seguinte.” (Vygotski, 1933-34/2006c, p. 369 – tradução<sup>11</sup> e colchetes meus)

Quanto a tal passagem, destaco apenas uma questão principal, para discussões teóricas em potencial. Qual seja, ao estabelecer-se que a “relação da idade crítica com a idade seguinte” é referente a tomá-la “do ponto de vista da sua zona de desenvolvimento próximo” (Vygotski, supracitado), apresenta-se uma especificidade

---

<sup>11</sup> Traduzo aqui da versão em espanhol, madrilena, das “Obras reunidas em seis tomos” de Vigotski – texto traduzido do russo por Lydia Kuper. Caso se tenha dúvidas quanto à qualidade de tal trabalho, forneço a fonte russa para que se possa comparar e corrigir, desde que seja para o avanço da discussão teórica: “Во-первых, мы должны предположить, что все перемены, все события, совершающиеся в период этого кризиса, группируются вокруг какого-либо новообразования переходного типа. Следовательно, когда мы будем анализировать симптомы кризиса, мы должны хотя бы предположительно ответить на вопрос, что нового возникает в указанное время и какова судьба новообразования, которое исчезает после него. Затем мы должны рассмотреть, какая смена центральных и побочных линий развития здесь происходит. И наконец, оценить критический возраст с точки зрения зоны его ближайшего развития, т. е. отношения к следующему возрасту.” (Vygotski, 1933-34/1984c)

conceitual ausente na citação anterior. Toda idade crítica, a rigor, é transição entre duas idades estáveis (Vigotski, 1932-34/1984; Vygotski, 1932-34/2006). E a relação entre um período de crise e a emergência de uma nova idade estável é próxima no tempo. Porém não tão próxima quanto no exemplo do pesquisador que aplica testes em crianças. As quais, supostamente, “num mesmo dia” obtém certo escore num teste sozinhas e “logo em seguida”, com ajuda do pesquisador, obtém escore maior no mesmo teste. Isso deve ter relevância para a pesquisa científica em psicologia e até mesmo para a orientação de práticas educacionais institucionalizadas. Porque momentos de grande virada ontogenética são mais nitidamente discerníveis ao longo do tempo: “crise do nascimento”, “crise do primeiro ano”, “crise dos três anos”, “crise dos sete anos”, “crise dos 13 anos”, “crise dos 17 anos”... (Vigotski, 1932-34/1984; 1933-34/1984a; 1933-34/1984b; 1933-34/1984c; Vygotski, 1932-34/2006; 1933-34/2006a; 1933-34/2006b; 1933-34/2006c) Enquanto situações de transformação qualitativa “dia após dia” não se identificam com tanta nitidez. Talvez nem sequer com “testes”, “provas” ou “avaliações” feitos diariamente – caso fosse humanamente possível – em laboratório psicológico ou numa escola, por exemplo.

Justo por isso, no meu entendimento, deve-se buscar compreender o que acontece com o processo de desenvolvimento também *durante* períodos estáveis. Mas sem igualar desenvolvimento e instrução, com numa tendência ambientalista mecanicista (Vigotski, 1933-34/1935, p. 5-6; Vigotskii, 1933/2010, p. 104-105; Vygotsky, 1933/1984, p. 91-92), para a qual alguém ser mais instruído é idêntico a tornar-se mais desenvolvido. Ou seja, como compreender o que ocorre durante um “período estável”, que transcorre entre uma crise e outra? Por exemplo, após a “crise dos três anos”, a criança entra na “idade pré-escolar”. E a próxima crise de mudança de período, a “idade escolar”, só ocorrerá por volta de seus “sete anos”. Nesse intervalo, a “zona de desenvolvimento proximal” não pode se referir ao período subsequente de modo “muito próximo” ou “imminente”. Falta especificar quão profundas podem ser as mudanças no desenvolvimento em função de relações sociais nas quais a criança se insere “dia após dia”. Tema que também pode ser relevante na orientação de pais e professores. Assim como dos demais atores sociais responsáveis pelo desenvolvimento integral da personalidade das crianças.

Uma modalidade de mudança “próxima” ou “iminente” é a que se pode esperar após a passagem por um “período crítico”. A qual entende-se ser bastante radical, engendrando uma nova situação social de desenvolvimento (ontogenética) que nega e incorpora a anterior, pela “lei fundamental da dinâmica das idades” (Vygotski, 1932-34/1984, p. 260; Vygotski, 1932-34/2006, p. 265). E outra modalidade de mudança “próxima” ou “iminente” será aquela que se pode promover ajudando hoje uma criança a concluir uma tarefa que não conseguiria concluir sozinha. Supondo que “no dia seguinte”, ou “em poucos dias”, já poderá concluir por si mesma. E novas tarefas mais complexas a cada novo dia lhe poderiam ser atribuídas. Deve-se estabelecer limites para esse tipo de raciocínio, para que não se repita o erro behaviorista de entender que desenvolvimento é o mesmo que instrução... De modo que a criança “no dia seguinte” não tenha dado realmente um salto no desenvolvimento, mas apenas esteja um pouco mais instruída. Sem desconsiderar que pode acontecer de “esquecer” o que aprendeu no dia anterior, enquanto continua necessitando de ajuda – a qual deve continuar sendo oferecida...

## 6 Para continuar o diálogo

Para encerrar essas anotações, em busca de virmos a retomar a discussão, também cabe lembrar, de passagem, que a relação social fundamental que gera “zona de desenvolvimento proximal” [*zona bli-jaishego razvitiia*] em cada idade psicológica não é sempre a “instrução” [*obutchenie*]. Ao contrário, esta se refere especificamente à “idade escolar”. Período longo e fundamental de nossas vidas, mas não único, nem passível de obter atenção exclusiva, como se os demais não fossem igualmente importância. Pois a visão dialética não o permite: cada período é uma síntese que integra os anteriores e estes permanecem vivos na constituição do atual<sup>12</sup>. Na idade pré-escolar, por

---

<sup>12</sup> Pelo entendimento de Vygotski: “Nós sabemos que o comportamento do ser humano não se situa permanentemente em um único e mesmo plano, alto e superior, de seu desenvolvimento. Formas mais novas e jovens, recentes, na história do surgimento da humanidade,

exemplo, o que *prioritariamente* gera “desenvolvimento proximal” não é a “instrução”, mas sim a “brincadeira” (Vigotski, 1933/1966; Vigotski, 1933/2008; Vygotsky, 1933/1984).

Fica também para um futuro próximo a tarefa de estabelecer, com precisão, os demais exemplos ontogenéticos por serem explorados, não nomeados pelo autor em uma só obra, dentre aquelas a que tive acesso até agora. Avalio que, para o momento, nos baste a tomada de consciência de que, felizmente, ainda temos muito que aprender sobre o tema. Que nem tudo de essencial já foi rigorosamente explorado quanto a ele. Havendo, assim, possibilidade de avançarmos coletivamente, nosso próprio desenvolvimento quanto à sua compreensão radical – orientada às práticas sociais que nos competem.

\* \* \*

---

convivem no comportamento do ser humano lado a lado com as mais ancestrais. E numa sucessão de vinte e quatro horas, diferentes formas de comportamento, como admiravelmente mostrou P. P. Blonski, em essência, repetem a história de muitos milênios do comportamento humano” (Vigotski, 1931-33/1934, p. 154; 1931-33/2001, p. 228; 1931-33/2007, p. 251-252 – tradução minha)

## 7 Referências

- ABBYY (2012/2019) Spanish–Russian Dictionary. Universal (Es-Ru) 52.475 entries. LLC «ABBYY Press». In: ABBYY. **Lingvo European Electronic Dictionary**. Version 1.11.1. Russia.
- Bardischew, G. M. et al. (2005/2019) The German-Russian Polytechnical Dictionary Polytechnical (De-Ru) 110.000 ABBYY Press. In: ABBYY. **Lingvo European Electronic Dictionary**. Version 1.11.1. Russia.
- Bezerra, P. (2001) Prólogo do tradutor. In: VIGOTSKI, L. S. (1934/2001) A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes. p. I-XIV.
- Gak, V. G.; Ganchina, K. A. (2004/2019) The New French-Russian Dictionary Universal (Fr-Ru). 200.000 entries. Russkiy Yazyk – Media. In: ABBYY. **Lingvo European Electronic Dictionary**. Version 1.11.1. Russia.
- Lazarev, A.V. (2007/2019) The Comprehensive Portuguese-Russian Dictionary Universal (Pt-Ru) 115.000 entries. In: ABBYY. **Lingvo European Electronic Dictionary**. Version 1.11.1. Russia.
- Luria, A. R. (1979) Lektsiia V. “Semantitcheski poliiia” i ikh obektivnoe izutchenie. In: \_\_\_\_\_. **Iazik i soznanie**. Moskva: Izdatel’stvo Moskovskogo Universiteta. p. 54-67.
- Michaelis (2020) **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Versão online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br> Acesso em: 20 fev. 2020.
- Nikoshkova, E.V. (2006/2019) The Russian-English Dictionary of Psychology. Psychology (Ru-En) 34.000 entries. ABBYY Press In: ABBYY. **Lingvo European Electronic Dictionary**. Version 1.11.1. Russia.
- Prestes, Z. R. (2010) **Quando não é quase a mesma coisa**. Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Repercussões no campo educacional. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília. 295 p.
- Vigotski, L. S. (1931/1983) Glava piatnadtsataia. Zakliutchenie. Dal’neishie puti issledovaniia. Razvitie litchnost i mirovozzreniia rebionka. In: \_\_\_\_\_. **Sobranie sotchinanii v shesti tomakh**. Tom tretii. Problemi razvitiia psikhiki. Moskva: Pedagoguika, p. 314-328.
- Vigotski, L. S. (1931-33/1934) Glava piataia. Eksperimental’noe razvitiia poniatii. In: \_\_\_\_\_. **Mishlenie i retch’**. Psikhologuitcheskie issledovaniia. Moskva; Leningrad: Gosudarstvennoe Sotsial’no-Ekonomiticheskoe Izdatel’stvo. p. 103-162.

- Vigotski, L. S. (1931-33/2001) 5. Estudo experimental do desenvolvimento dos conceitos . In: \_\_\_\_\_. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. p. 151-239.
- Vigotski, L. S. (1931-33/2007) Capítulo quinto: Estudio experimental del desarrollo de los conceptos. In: \_\_\_\_\_. **Pensamiento y habla**. Buenos Aires: Colihue. p. 169-263.
- Vigotski, L. S. (1933/1935a) Dinamika umstvennogo razvitiia shkol'nika v sviazi s obutcheniem. In: \_\_\_\_\_. **Umstvennoe razvitie detei v protsesse obutcheniia**. Moskva; Leningrad: Gosudarstvennoe Utchebno-Pedagoguitcheskoe Izdatel'stvo. p. 33-52.
- Vigotski, L. S. (1933/1935b) Razvitie jiteiskikh i nautchnikh poniatii v shkol'nom vozraste. In: \_\_\_\_\_. **Umstvennoe razvitie detei v protsesse obutcheniia**. Moskva; Leningrad: Gosudarstvennoe Utchebno-Pedagoguitcheskoe Izdatel'stvo. p. 96-115.
- Vigotski, L. S. (1933/1966) Igra i eio rol' v psikhitcheskom razvitiu rebionka. In: **Voprosi Psikhologii**. N. 6. p. 62-76.
- Vigotski, L. S. (1933/1968) Problema soznaniia. In: Leontiev, A. A.; Riabova (eds.) **Psikhologuiia grammatiki**. Moskva: Izdatel'stvo Moskovskogo Universiteta. p. 182-196.
- Vigotski, L. S. (1933/2008) A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**. Jun. p. 23-36.
- Vigotski, L. S. (1933/2010) Sobre a análise pedológica do processo pedagógico. In: PRESTES, Z. R. **Quando não é quase a mesma coisa**. Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Repercussões no campo educacional. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília. 295 p.
- Vigotski, L. S. (1933-34/1934) Glava shestaia. Issledovanie razvitiia nautchnikh poniatii v detskom vozraste. In: \_\_\_\_\_. **Mishlenie i retch'**. Psikhologuitcheskie issledovaniia. Moskva; Leningrad: Gosudarstvennoe Sotsial'no-Ekonomiticheskoe Izdatel'stvo. 182-196.
- Vigotski, L. S. (1932-34/1984a) Problema vozrasta. In: \_\_\_\_\_. **Sobranie sotchinienii v shesti tomakh**. Tom tchetviortii. Detskaia psikhologuiia. Moskva: Pedagoguika,. p. 244-268.
- Vigotski, L. S. (1933-34/1984a) Krizis pervogo goda jizni. In: \_\_\_\_\_. **Sobranie sotchinienii v shesti tomakh**. Tom tchetviortii. Detskaia psikhologuiia. Moskva: Pedagoguika. 318-339.
- Vigotski, L. S. (1933-34/1984b) Krizis semi let. In: \_\_\_\_\_. **Sobranie sotchinienii v shesti tomakh**. Tom tchetviortii. Detskaia psikhologuiia. Moskva: Pedagoguika. 376-385.

- Vigotski, L. S. (1933-34/1984c) Krizis trekh let. In: \_\_\_\_\_. **Sobranie sotchine-nii v shesti tomakh**. Tom tchetviortii. Detskaia psikhologuiia. Moskva: Pedagoguika. 368-375.
- Vigotski, L. S. (1933-34/1984d) Rannee detstvo. In: \_\_\_\_\_. **Sobranie sotchine-nii v shesti tomakh**. Tom tchetviortii. Detskaia psikhologuiia. Moskva: Pedagoguika, p. 340-367.
- Vigotski, L. S. (1933-34/2007) Capítulo sexto: Estudio experimental de los conceptos científicos en la infancia. In: \_\_\_\_\_. **Pensamiento y habla**. Buenos Aires: Colihue. p. 169-422.
- Vigotski, L. S. (1933-34/2001) 6. Estudo do desenvolvimento dos conceitos científicos. In: \_\_\_\_\_. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. p. 241-394.
- Vigotski, L. S. (1933-34/1935) Problema obutcheniia i umstvennogo razvitiia shkol'nom vozraste. In: \_\_\_\_\_. **Umstvennoe razvitie detei v protsesse obutcheniia**. Moskva; Leningrad: Gosudarstvennoe Utchebno-Pedagoguitcheskoe Izdatel'stvo. p. 3-19.
- Vigotski, L. S. (1933-34/2007) Capítulo sexto: Estudio experimental de los conceptos científicos en la infancia. In: \_\_\_\_\_. **Pensamiento y habla**. Buenos Aires: Colihue. p. 169-422.
- Vigotski, L. S. (1934) **Mishlenie i retch'**. Psikhologuitcheskie issledovaniia. Moskva; Leningrad: Gosudarstvennoe Sotsial'no-Ekonomiticheskoe Izdatel'stvo. 324 p.
- Vigotski, L. S. (1934/2007) **Pensamiento y habla**. Buenos Aires: Colihue. p. 169-422.
- Vigotski, L. S. (s.data/1935) Obutchenie i razvitie v doshkol'nom vozraste. In: \_\_\_\_\_. **Umstvennoe razvitie detei v protsesse obutcheniia**. Moskva; Leningrad: Gosudarstvennoe Utchebno-Pedagoguitcheskoe Izdatel'stvo. p. 20-32.
- Vigotskii, L. S. (1933/2010) Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LEONTIEV, A. N.; LURIA, A. R.; VIGOTSKII, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: Ícone. p. 103-117.
- Vygotski, L. S. (1931/2000) Capítulo 15. Conclusiones. Futuras vías de investigación. Desarrollo de la personalidad del niño y de su concepción del mundo. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas**. Tomo III. Problemas del desarrollo de la psique. 2. ed. Madrid: Visor, p. 327-340.
- Vygotski, L. S. (1931/2006) Pedología do adolescente. Capítulo 10. El desarrollo del pensamiento del adolescente y la formación de conceptos. In:

- \_\_\_\_\_. **Obras escogidas**. Tomo IV. Psicología infantil. 2. ed. Madrid: Machado Libros. p. 47-113
- Vygotski, L. S. (1933/1991) El problema de la conciencia. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas**. Tomo I. Vías de desarrollo del conocimiento psicológico. Madrid: Visor; Ministerio de Educación y Ciencia. p. 119-131.
- Vygotski, L. S. (1932-34/2006) El problema de la edad. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas**. Tomo IV. Psicología infantil. 2. ed. Madrid: Machado Libros.. p. 251-273.
- Vygotski, L. S. (1933-34/2006a) Crisis del primer año de vida. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas**. Tomo IV. Psicología infantil. 2. ed. Madrid: Machado Libros. p. 319-339.
- Vygotski, L. S. (1933-34/2006b) La crisis de los siete años. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas**. Tomo IV. Psicología infantil. 2. ed. Madrid: Machado Libros. p. 377-386.
- Vygotski, L. S. (1933-34/2006c) La crisis de los tres años. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas**. Tomo IV. Psicología infantil. 2. ed. Madrid: Machado Libros. p. 369-375.
- Vygotski, L. S. (1933-34/2006d) La infancia temprana. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas**. Tomo IV. Psicología infantil. 2. ed. Madrid: Machado Libros. p. 341-366.
- Vygotsky, L. S. (1933/1984) O papel do brinquedo no desenvolvimento (capítulo 7). In: \_\_\_\_\_. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. p. 105-118.
- Vygotsky, L. S. (1934/1984) Interação entre Aprendizado e Desenvolvimento” (capítulo 6). In: \_\_\_\_\_. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. p. 89-103.
- Vygotsky, L. S. (1934/1986) **Thought and language**. Cambridge, Massachusetts; London, England: The MIT Press. 287.
- Wertsch, J. V. (1985) **Vygotsky and the social formation of mind**. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press. 262 p.

\* \* \*